

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

**MUSEU HISTÓRICO E MEMORIAL DA LIBERDADE**

MARIA VÂNIA LEITE DE OLIVEIRA

REDENÇÃO – CE

2014

MARIA VÂNIA LEITE DE OLIVEIRA

**MUSEU HISTÓRICO E MEMORIAL DA LIBERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-brasileira, Campus Redenção-Ceará, como requisito parcial à conclusão do Curso de Graduação Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Robério Américo Souza

REDENÇÃO – CE

2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**

**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**

**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**

**Catálogo na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

O44m Oliveira, Maria Vânia Leite de.

Museu histórico e memorial da liberdade. / Maria Vânia Leite de Oliveira. – Redenção, 2014.

44 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza.

Inclui figuras e referências.

1. Museus - Aspectos educacionais - Ceará. 2. Museus históricos. I. Título.

CDD 069.15098131

---

MARIA VÂNIA LEITE DE OLIVEIRA

**MUSEU HISTÓRICO E MEMORIAL DA LIBERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-brasileira, Campus Redenção-Ceará, como requisito parcial à conclusão do Curso de Graduação Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Robério Américo Souza

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza – UNILAB (Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Edson Holanda Lima Barboza – UNILAB (Examinador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Leandro de Proença Lopes – UNILAB (Examinador)

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
I- CAPÍTULO- MUSEU HISTÓRICO: TRAJETÓRIA E CONCEITUAÇÃO .....	13
1.1. O Nascimento do Museu Histórico e Sua Chegada no Brasil .....	13
1.2. O Museu histórico no Ceará.....	17
II – CAPÍTULO - UM MUSEU HISTÓRICO EM REDENÇÃO .....	20
1- Uma breve história da cidade .....	20
2- O Museu Histórico e Memorial da Liberdade.....	25
2.1. A ideia e coleta do acervo .....	25
2.2. Um museu em busca de uma casa.....	34
CONCLUSÃO .....	38
BIBLIOGRAFIA.....	41

*Dedico a memória de meu avô Francisco Paulino e minha avó Maria Adalgisa, com saudades guardo nossas lembranças no coração. Dedico ainda à memória de meu querido primo Walison, um pequeno, grande e amado filho para meu tio e minha madrinha, que nos deixou muito jovem. A todos com saudades. Um dia nos encontraremos novamente.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me conceder a vida e um pouco de sabedoria necessária para trilhar caminhos muitas vezes difíceis e por ter me concedido ainda à vontade e paciência necessária para a conclusão desta graduação.

Aos meus familiares, especialmente minha mãe e meu pai por fazerem o possível e impossível às vezes, para me proporcionar a oportunidade de educação e por terem sido o meu alicerce em momentos de fraqueza e por terem sido modelos para a minha formação como cidadã e como pessoa.

Aos meus professores de ensino fundamental e médio, em especial, a professora Franci que sempre me apoiava nas minhas atividades estudantis e a diretora Isabel (In memoriam) que sempre buscou o melhor para seus alunos durante sua estada na direção do colégio Anacleto Carlos Cavalcante e durante sua vida como docente.

Ao meu orientador Américo Souza que me aguentou durante todo esse período de Tcc, se tornando um suporte e apoio direto para conclusão deste trabalho.

A essa instituição, aos docentes, à direção, à administração e a todos no geral, por me possibilitar a oportunidade de ingresso no ensino superior.

Ao Coordenador do curso Maurilio Machado por compreender nossas dificuldades e necessidades como estudantes e por sempre estar disposto a ajudar de maneira positiva no nosso crescimento estudantil.

A todos os professores da Unilab, que me ensinaram seus conhecimentos adquiridos através de anos de estudos e de dedicação, sendo responsáveis diretos pelo conhecimento adquirido por mim ao longo do curso de Bacharelado em Humanidades, confesso que passaram esse conhecimento de forma altamente competente e com toda dedicação que era possível no momento.

À coordenação de Humanidades e Letras que sempre faz o necessário para suprir as solicitações dos discentes desta instituição de maneira compromissória e competente.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho do Fórum de Redenção, por me apoiarem e dar incentivos para prosseguir na graduação e por me aturarem nos momentos de estresse devido os trabalhos da universidade.

Aos meus companheiros de graduação, por estarem comigo em todos os momentos, não me deixando desistir no meio do caminho, contribuindo e somando também na minha formação acadêmica e como pessoa. Em especial deixo meu agradecimento a Erika Rocha,

Waleska Reis e Mirla Menezes, amigas para todas as horas sejam boas ou ruins, a Nilson Lopes, por sempre estar disposto a me ajudar quando precisei de algo, a Valdélia Freitas, na qual recorria para saber se meu orientador estava me esperando no campus da liberdade ou dos Palmares, a Syrlyane Queiros, que sempre me apoiou, especialmente nessa reta final, com a parte de formatação inicial do trabalho, a Marygidiane Cavalcante, companheira de cursinho e em seguida de Unilab e aos meus outros companheiros de BHU.

A todos, meu muito obrigada.



## RESUMO

Este trabalho visa como tema principal à trajetória de construção do Museu Memorial da Liberdade da cidade de Redenção no Ceará. Possuindo uma história marcada por determinação e lutas de diferentes pessoas que sonhavam com um local para resgatar e preservar a memória da abolição na cidade, o Museu Memorial da Liberdade surgiu como uma iniciativa de líderes da cidade, professores e alunos e em parceria com a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de Redenção, durante a comemoração do centenário de abolição da escravidão no Brasil, em 1988. Resolveram colocar em prática a ideia de criar um museu que abrigasse as memórias do tempo da abolição da escravatura, pois compreendiam que a cidade foi de certa forma a pioneira na conquista da liberdade e a criação de um museu seria uma ideia válida para se preservar e valorizar as memórias referentes à escravidão. Exponho essa narrativa em dois capítulos, o primeiro aborda as bases iniciais dos museus no mundo até sua chegada ao Brasil e ao Ceará. Já o segundo traz uma breve história sobre a formação da cidade em seus primórdios e sobre como se deu o processo de implantação do Museu Memorial da Liberdade.

**Palavras-Chaves:** Museu Memorial da Liberdade. Memória da abolição. Escravidão. Cidade. História.



## INTRODUÇÃO

Esta é minha primeira graduação e confesso que pensar em escrever esse trabalho deixa-me apreensiva, pois surgem muitas dúvidas e questionamentos que de início penso que não conseguiria suprir. No entanto, escrever cada página desse trabalho, me remete lembranças de outro tempo, especificamente da época de minha infância. Como toda criança gostava de brincar, mas no meu caso e de meus irmãos precisávamos trabalhar também, pois a vida não era muito fácil. Ajudávamos nossos pais na luta diária, mas apesar disso os dois nunca nos privaram do direito a educação. Fizeram o possível para nos manter estudando apesar de todas as dificuldades enfrentadas para termos acesso à escola. Meus dois irmãos maiores principalmente, devido não haver escola pública no município naquela ocasião. Meus pais pagavam a mensalidade de um dos colégios mais respeitáveis de Acarape, mesmo não tendo as condições necessárias para isso. No meu caso e de minha irmã mais nova, as coisas já foram melhores, pois, o acesso à educação pública estava avançado. Mas ainda assim, tínhamos dificuldades para chegar até a escola, porque morávamos muito distante, em uma pequena vila com poucas famílias de moradores, quase todos assim como minha mãe, agricultores e meu pai, operários de uma indústria que ali existia. A longa distância percorrida a pé, cerca de 10 km ou mais, era minha maior dificuldade, pois não queria caminhar tudo isso sob um forte sol ou pior de tudo, sob muita chuva e relâmpagos, como aconteceu diversas vezes. Recordo ainda, sem exageros, de enfrentar correntezas de riachos que atravessavam a estrada aonde íamos para casa ao voltar da aula. Em épocas como essas sempre chegava na sala de aula com os livros cobertos por sacolas plásticas e ainda toda molhada permanecendo assim até a roupa enxugar naturalmente. Atualmente relembro disso com muito orgulho, pois apesar de tudo estou conseguindo seguir adiante, claro que com muitas dúvidas ainda, mais sempre com coragem e esperança de que amanhã seja melhor.

A vida seguiu, terminei meu ensino fundamental e o médio, prestei prova para o Enem e consegui passar para o curso de Bacharelado em Humanidades e aqui estou pensando no que escrever nesta introdução.

Fico a me perguntar se conseguirei produzir um trabalho de importância e relevância, primeiro para eu mesma, depois para as pessoas que irão analisá-lo e ainda para o que considero como mais importante, que o mesmo ajude as pessoas, tanto da região como às que vem de outras regiões a conhecer um pouco mais sobre a história da cidade que também é um dos marcos principais da libertação da escravidão no Ceará.

Redenção é uma cidade em desenvolvimento, principalmente após a chegada da Unilab, Universidade federal que promove um ensino de integração entre alunos de países lusófonos, mas nem sempre foi assim. Em seus primórdios foi o primeiro município brasileiro a libertar seus escravos, o que a torna ainda maior em riquezas de patrimônios culturais, materiais e históricos.

Pensando neste contexto é que me surge a ideia de escrever, de início sobre o que ficou de herança da época da escravidão e optei por falar sobre os museus da cidade, responsáveis por guardar e contar, através de objetos, a narrativa de uma história oficial da escravidão e da abolição na cidade de Redenção. Esse foi um dos fatores que me levou a pesquisar sobre os museus de Redenção. Digo os museus porque de início pensei em falar sobre os dois museus, mais com o decorrer da pesquisa me foquei especificamente em um só, no caso, o Museu Memorial da Liberdade. Mas esse não foi o único motivo que me levou a querer pesquisar não só sobre o museu, mas sobre a pesquisa no geral, outro motivo que me instigou a pesquisa veio do livro a pesquisa em história, quando as autoras relatam sobre a “história-conhecimento” e ainda sobre a própria “pesquisa”.

Segundo as autoras Maria do Pilar Araújo Vieira, Maria do Rosário Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Khoury, “a história-conhecimento é construção”, ou seja: “É uma representação do real e, como tal, parte do real e não o real em si mesmo. Nessa busca de compreensão do real, tanto está presente a reflexão do pesquisador quanto o próprio objeto.”<sup>1</sup>

Com relação à pesquisa as autoras relatam: “A pesquisa está ao alcance de qualquer pessoa que se disponha a recuperar no passado o processo de constituição do espaço [...]”<sup>2</sup>

Ao pensar esses fatores e representações, busco propor dentro da pesquisa, uma reflexão sobre a narrativa oficial da escravidão e abolição de Redenção que é vista de forma tão valiosa, dando origem dentro do município a dois museus, que expõem nos seus objetos a história dessa narrativa.

Redenção faz parte da história brasileira como o primeiro município a libertar seus escravos, fato que ocorreu em 1º de janeiro de 1883, 5 anos antes de vigorar a lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, então regente, em 13 de maio de 1888.

Esta primazia fez com que a referência à abolição da escravidão se constituísse como algo importante e recorrente na cidade. Esta configuração fez com que os esforços pela construção e preservação da memória da abolição fossem empreendidos pelo poder público e

---

<sup>1</sup> VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. 3º. Ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1995. P. 44.

<sup>2</sup> Idem, *Ibidem*, p. 68.

pela iniciativa privada. Entre os maiores símbolos deste esforço estão dois museus: Senzala Negro Liberto, de iniciativa privada e o Memorial da Liberdade da Prefeitura Municipal, que é o tema principal desse trabalho.

O museu tem aumentado seu papel de importância na sociedade, o que implica no aumento do número de visitantes, destes locais, fato que vem favorecendo seu crescimento podendo então ser considerado como parte da modernidade, como ressalta o autor Marcos José Pinheiro:

[...] uma instituição representativa do desenrolar de nossa modernidade, a ponto de confundir-se como projeto e produto desta [...]”. Amplia, então, o museu a sua missão, o seu significado e o seu espaço, para além de suas paredes físicas e das temporalidades, quando dava ares de estar asfixiado e condenado à morte; assim também como passamos à recordação total, à valorização do passado justo quando já vivenciávamos o futuro”.<sup>3</sup>

Dessa forma, o museu surge ainda como uma maneira de se preservar, estudar e valorizar patrimônios de uma sociedade, além de ser uma oportunidade educacional valiosa. Sendo assim, qual a história dos museus de Redenção? De que forma estão trabalhando a questão da preservação e difusão do patrimônio escravocrata? Esse patrimônio se constitui de que? São objetos, roupas, peças, documentos? De quem foram? Como chegaram até os museus?

É com base nestes questionamentos, nos quais não existem quase ou nenhum estudo que este projeto se dedica e se constitui. Neste sentido a justificativa para a realização desta pesquisa é compreender o significado dos museus para a cidade, bem como investigar e problematizar a narrativa sobre escravidão e abolição por eles construídas. Acredito que isso, trará contribuição para a sociedade redencionista no caminho de sua autocimpreensão. Mas o que mais me instiga a pesquisar este assunto é saber realmente se através do museu é possível contar e pensar a história da escravidão em Redenção.

---

<sup>3</sup> PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004, p. 25.

## I- CAPÍTULO - MUSEU HISTÓRICO: TRAJETÓRIA E CONCEITUAÇÃO.

O Museu Histórico Memorial da Liberdade foi Inaugurado no dia 28 de dezembro de 1997, em solenidade pública, com o objetivo de fazer a guarda do acervo municipal sobre a escravidão e a abolição, e, ao mesmo tempo promover a preservação da memória destes temas na cidade.

Antes de abordarmos mais diretamente o Museu Histórico Memorial da Liberdade, importa contextualizar a trajetória que leva à concepção do museu histórico no mundo e suas primeiras experiências no Ceará.

### 1.1. O Nascimento do Museu Histórico e Sua Chegada no Brasil.

A palavra museu teve sua origem na Grécia antiga e vem do termo grego *museion*, casa das musas, e ainda, templo ou lugar onde residem as musas. Na mitologia grega as musas são filhas de Júpiter, pai dos deuses e dos homens e de Mnemósine, divindade da memória. Existiam nove musas, todas ligadas, a diferentes ramos da literatura, da ciência e das artes. Eram donas de memória absoluta e possuíam imaginação criativa. Com suas danças, músicas e narrativas, ajudavam os homens a esquecer de seus males. O *museion* era, então, um local privilegiado, neles os homens podiam descansar dos seus problemas e aflições, dedicando-se aos estudos científicos, literários e artísticos.<sup>4</sup>

Os primeiros museus surgem a partir do final do século III a.C, com as coleções antigas de obra de arte. Estátuas e pinturas eram expostas nos longos corredores de edifícios públicos romanos e a elite culta dos conquistadores do território grego maravilhando-se com esses tesouros de edifícios públicos começam a vê-los como monumentos históricos.<sup>5</sup> Já no século II a.C, o colecionismo entre os romanos ricos aumenta, transformando-se em competição, deixando de ser uma simples demonstração de riqueza e gosto, passando assim, a ilustrar o poder e a força dos romanos sobre os inimigos derrotados. Durante a idade média, por volta do século XV, o colecionismo toma um novo rumo, passa a tornar-se moda na Europa. Nessa época as primeiras coleções se constituem principalmente de moedas, livros, manuscritos, inscrições, esculturas e diversos outros tipos de objetos, que ficavam sob a posse

---

<sup>4</sup> PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004, p. 49.

<sup>5</sup> Idem, Ibidem.

de artistas humanistas e príncipes italianos, guardadas em espaços privados. Surgem assim, os gabinetes de curiosidades, as coleções científicas, muitas vezes chamadas de museus e as galerias de antiguidades que, constituíam-se em espaços específicos para as coleções de natureza privada. Porém com exemplos de abertura ao público mesmo que em períodos excepcionais. Com a mania de colecionar e o passar do tempo às coleções de moedas antigas e os outros objetos foram substituídos por coleções de História Natural. Essas coleções eram formadas por estudiosos que procuravam simular a natureza nos seus gabinetes e obtinham variadas espécies de seres exóticos e objetos vindos de outras terras. No século XVII e XVIII, devido o progresso científico, essas coleções foram se aperfeiçoando, deixando a função de apenas saciar a curiosidade de olhar, dirigindo-se para pesquisa e a ciência, assim muitas dessas coleções se transformaram em museus.<sup>6</sup>

A partir do Renascimento “começam a ser criados os primeiros museus de arte destinados ao público, no século XVIII, tais como o British Museum, O Museu Pio Clementino, em Roma, e o Museum Français, depois consagrado como Louvre.”<sup>7</sup> Em seguida, com o constante avanço tecnológico e a chegada da Revolução Francesa, em fins do século XVIII, foi atribuída ao museu a concepção de moderno, sendo que, a mesma se consolidaria no século XIX, devido à criação de diversas instituições museológicas em grande parte da Europa. Esses museus reuniam acervos do domínio colonial dessas nações europeias que, percorriam os territórios colonizados buscando recursos naturais e descobrindo novas coleções nas áreas da mineralogia, zoologia, botânica, etnografia e arqueologia, que consequentemente seriam enviadas aos principais museus europeus da época.

Segundo Pinheiro, durante todo esse período de desenvolvimento até ganhar a concepção de moderno, o museu pode ser dividido em quatro categorias:

A primeira categoria segue as premissas estabelecidas pelo Iluminismo, com o seu trabalho epistemológico e o propósito de democratizar o saber [...]. Nesse aspecto, o museu além de constituir-se como espaço para difusão e educação da cultura culta, do saber consagrado pelo próprio iluminismo, também será o lugar de desenvolvimento de pesquisas científicas, principalmente do século XVIII ao final do século XIX [...]<sup>8</sup>

Já a segunda categoria busca apresentar:

---

<sup>6</sup> PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004, p. 50-57.

<sup>7</sup> Idem, Ibidem.

<sup>8</sup> PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004, p. 48.

[...] o museu como consagração da cultura visual, como espaço para o espetáculo, tornando a massa, a turba incontrolável, em público. [...] Será responsabilizada junto com a primeira categoria pela ruptura interna do museu, quando este ainda insistia em expor os objetos isolados de seu contexto histórico, cultural, social, econômico [...] <sup>9</sup>

A terceira categoria apresentada por Pinheiro é:

[...] a do museu como lugar metafórico das representações da memória, em que pesem os atributos da modernidade para a emergência atual da preservação do passado, estabelecendo-se como instituição simbólica do que designaremos como cultura museica. <sup>10</sup>

A quarta e última categoria apontada pelo o autor seria “o museu como lugar de construção do espírito nacionalista e da cultura nacional em detrimento das culturas populares, quando consagra as glórias e os costumes da nação...” <sup>11</sup>

No Brasil as instituições museológicas também surgem no século XIX, eram museus dedicados aos estudos e às pesquisas das ciências naturais, coletavam e exibiam suas coleções naturais etnográficas, paleontológicas e arqueológicas, exerceram grande influência na produção intelectual e na prática das ciências naturais, desenvolvendo estudos de interpretação do evolucionismo social, contribuindo no desenvolvimento das teorias raciais do século XIX no Brasil. Nas décadas de vinte e trinta também predominam no Brasil os museus enciclopédicos, mas entram em declínio devido à superação das teorias evolucionistas que os sustentavam, com relação a esse fato, Schwarcz afirma que:

[...] no período em questão, os museus do Brasil passaram por uma grande reformulação, verificada a partir da década de 1920 como um fenômeno mundial: a decadência dos grandes estabelecimentos museológicos de história natural, fundamentados no paradigma evolucionista racial, que predominavam desde a segunda metade do século anterior. <sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004, p. 48.

<sup>10</sup> Idem, Ibidem, p. 49.

<sup>11</sup> Idem, Ibidem, p. 52.

<sup>12</sup> SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930), 1995. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005, p. 12.



Mas em 1922 o museu no Brasil ganha um novo impulso, rompendo sua tradição enciclopédica e criando outro modelo de museu, voltado à história e à pátria, buscando formular através da própria cultura nacional, uma forma de representação da nacionalidade. De acordo com Holanda, “Tais museus acabaram se reestruturando em outras bases teóricas, perdendo suas características enciclopédicas e especializando-se cada vez mais, ou direcionando-se para o culto da história e das artes nacionais.”<sup>13</sup>

Criaram então o Museu Histórico Nacional (MHN), que tinha o objetivo de educar a população e ensinar os fatos e personagens que faziam parte do passado. Constituía ainda, um espaço destinado à legitimação e veiculação da noção histórica oficial. O atual Museu Histórico Nacional foi uma das primeiras instituições museológicas a surgir no Brasil, como parte de iniciativas culturais promovidas por D. João VI, o Museu Real como era conhecido de início, foi inaugurado em 1818 e possuía apenas certa coleção de história natural, doada pelo próprio monarca. Com isso, houve um grande impulso na criação de outras instituições do mesmo caráter, tais como, os Museus do Exército em 1864, da Marinha em 1868, o Paranaense em 1876, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia em 1894 e ainda tendo maior destaque, o já citado MHN, o Museu Paraense Emilio Goeldi (1891) e o Museu Paulista (1894), na época conhecido como Museu do Ipiranga, formando assim o grande modelo de museu etnográficos daquele período, difundindo-se em todo o Brasil entre os anos de 1870 e 1930, sendo:

O marco de consolidação dos museus brasileiros classificados como “históricos” é o ano de 1922, quando as autoridades públicas em várias regiões do país decidem comemorar o centenário da independência do Brasil.<sup>14</sup>

O Museu Histórico Nacional foi o órgão estimulador dos museus brasileiros que influenciou a criação de outras instituições museológicas comprometidas com a busca de uma memória nacional.

No século XIX, existiram dois modelos de museus no mundo, os voltados para história e cultura nacional e os advindos dos diversos movimentos científicos, voltados para estudos da pré-história, arqueologia e a etnografia. Ao longo do tempo o museu foi se estabelecendo como uma instituição fundamental na difusão do conhecimento, proporcionando aos seus

<sup>13</sup> HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005, p. 12.

<sup>14</sup> Idem, *Ibidem*, p. 8.

visitantes, um maior saber sobre a ciência, a arte, a história e a educação, dessa forma podemos dizer que:

Um aspecto relevante do museu [...] é o da sua transformação em espaço para consagração das glórias de uma nação, e que está presente desde o seu estado embrionário no Império Romano, amadurecendo já no primeiro exemplar do museu moderno após a Revolução Francesa. Este fato histórico impulsionou a criação do Louvre e de tantos outros museus, como instituições que acumulavam entre tantas atribuições a de preservar os bens culturais e alimentar a ideia de uma cultura nacional.<sup>15</sup>

## 1.2. O Museu histórico no Ceará

As primeiras instituições de caráter museológicas do Ceará surgiram na sua capital Fortaleza. Segundo Hitoshi:

[...] desde o final do século XIX, Fortaleza contou com três delas: o Museu de História Natural de Joaquim Aves Ribeiro (1873), o Museu Provincial do Gabinete Cearense de Leitura, que funcionou de 1875 a 1885; e o Museu Rocha, funcionando de 1894 até a década de 1950, enquanto o seu Proprietário, o Professor Francisco Dias Rocha, gozou de saúde para mantê-lo. Essa terceira entidade, embora de caráter, recebendo minguidas oficiais, conseguiu arregimentar, até o ano de 1908, nada menos que dez mil espécimes distribuídos nas áreas de botânica, zoologia, fitopatologia, mineralogia, etnografia e arqueologia. Sua respeitável coleção era conhecida por vários naturalistas do país e do exterior [...]<sup>16</sup>

Tais exemplos de coleções mostram que esses museus eram do mesmo tipo das entidades anteriores já citadas neste trabalho, ou seja, foram criadas e baseadas nos modelos europeus, onde as coleções eram basicamente formadas e voltadas para o conhecimento da História Natural e que conseqüentemente ganharam adeptos por todo lugar, inclusive nos primeiros modelos dos museus brasileiros.

<sup>15</sup> PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004, p. 52.

<sup>16</sup> HITOSHI, Nomura. Um grande naturalista cearense: Francisco Dias da Rocha. *Revista do Instituto do Ceará*, 1965. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005. p. 187.

No entanto, a primeira instituição museológica realmente oficial no Ceará, foi o Museu Histórico do Ceará, criado por decreto em 1932 e aberto ao público em 1933 na cidade de Fortaleza, “*O Museu Histórico do Ceará (MHC) ocupava duas salas do também recém-criado Arquivo Público do Estado, ambos sob a direção de Eusébio Néri Alves de Sousa.*” De início funcionava “nas dependências do Arquivo Público do Estado do Ceará”<sup>17</sup>, localizado na Rua 24 de Maio, nº 238. Possuía oito grandes salões sendo que dois deles “receberam o nome de Antônio Bezerra de Meneses e foram destinados para acomodar o Museu Histórico do Ceará.”<sup>18</sup>

O livro de ponto dos funcionários do Arquivo Público e Museu Histórico mostra que ambos foram instalados sob a supervisão de Eusébio no andar térreo do Palácio da Luz (à época sede do Executivo estadual, hoje Academia Cearense de Letras) no dia 7 de junho de 1932, em caráter provisório, pois tiveram sua inauguração oficial e visitação franqueada ao público só a partir de 7 de janeiro de 1933, após solenidade com a presença de várias autoridades.<sup>19</sup>

No ano de 1934, o Arquivo público e o Museu foram transferidos para uma sede própria, situada na Avenida Alberto Nepomuceno, nº 332 em frente à Praça da Sé, edifício que hoje já não existe mais. Em 1951, o Arquivo Público foi separado do Museu e deslocado para o térreo do Palacete Senador Alencar, local onde funcionava a Assembleia Legislativa do Estado, o Museu se manteve no mesmo local até 1957, sob a tutela do Instituto Histórico do Ceará. Hoje está vinculado à Secretária de Cultura do Estado (SECULT), fato ocorrido em 1967 e se encontra situado no prédio para o qual foi deslocado o Arquivo Público, no Palacete Senador Alencar, que teve sua construção iniciada em 1856 e concluída em 1871. O imóvel possui significativo valor histórico, pois foi idealizado para ser a Assembleia Provincial do Ceará durante a época do Brasil-império, sendo tombado como Monumento Nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 28 de fevereiro de 1973, mantendo ainda sua característica arquitetônica original até os dias atuais. Dessa forma, se pode afirmar que:

<sup>17</sup> HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005. p. 8.

<sup>18</sup> HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005, p. 87.

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*, p. 73.

[...] o MHC continuou atuando e sobreviveu até os dias atuais. Passou pelo controle de muitos diretores, mudou algumas vezes de endereço e de denominação; dividiu atenções e verbas com outros museus que foram surgindo no Ceará; desvinculou-se do Arquivo Público, filiando-se ao Instituto Histórico do Ceará (1951) e finalmente à Secretaria de Cultura do Estado (1967), onde ainda hoje se mantém. Ao passar para a administração do Instituto Histórico do Ceará, em 1951, passou a ser intitulado como Museu Histórico e Antropológico do Ceará. O nome atual- Museu do Ceará- começou a vigorar em 1990. Ao longo dessa trajetória, transformou-se.<sup>20</sup>

O Museu do Ceará possui um dos maiores e mais importantes acervos do Estado, com mais de sete mil itens, divididos em coleções de arqueologia, numismática, artefatos indígenas, mobiliário, fotografia, armas, pintura, indumentária entre outras variadas peças e coleções que foram arrecadadas através de compras e doações de particulares e instituições públicas como afirma o relatório de 1933 mencionado por Holanda:

Segundo [...] o relatório de 1933, o Arquivo Público e Museu Histórico receberam muitos donativos para formar seus respectivos acervos, a partir dos pedidos de seu Diretor, por intermédio da imprensa da terra e de circulares transmitidas aos prefeitos do interior do estado e outras pessoas e instituições sociais.<sup>21</sup>

Ainda sobre a grande importância do Museu do Ceará e seu acervo Holanda relata:

[...] o acervo do Museu Histórico do Ceará se constituiu como um variado conjunto de indícios sobre maneiras igualmente variadas de compor sentidos da memória: memória de moedas e medalhas; memórias sobre o passado mais distante ou presente; memórias de militares, políticos, intelectuais, populares; memórias de pedaços de Fortaleza; memórias do cotidiano... Um caleidoscópio de objetos, fazendo inúmeras vias de ligação entre passado, presente e futuro.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005. p. 10.

<sup>21</sup> HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005. p. 75.

<sup>22</sup> HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005. p. 190.

## II – CAPÍTULO - UM MUSEU HISTÓRICO EM REDENÇÃO

O Museu Histórico e Memorial da Liberdade possui uma história marcada por determinação e lutas de diferentes pessoas que sonhavam com um museu para cidade. A ideia de criá-lo surgiu, pela primeira vez, durante a comemoração do centenário de abolição da escravidão no Brasil, em 1988. Após algumas reuniões com os líderes da cidade, professores e alunos e em parceria com a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de Redenção, decidiram trazer para a prática essa ideia da criação de um museu, voltado para abrigar a memória da abolição, pois compreendiam que Redenção, como a cidade pioneira na conquista da liberdade de seus escravos, precisava de alguma forma registrar e valorizar essa conquista pela liberdade e a criação de um museu atenderia de certa forma a esse intuito.

Para pensar a formação deste museu é necessário primeiro falar um pouco sobre a história da cidade de Redenção, que ficou conhecida como a primeira do Brasil a libertar seus escravos do cativoiro.

O que deu a Redenção a condição deste pioneirismo? Qual o papel deste feito na construção para cidade? Como se deu a construção de uma memória sobre a abolição em redenção? São perguntas sobre as quais importa refletir, ainda que brevemente, para compreender as razões da criação do Memorial da Liberdade.

### 1- Uma breve história da cidade

A colonização do Ceará pode ser considerada tardia em relação a outros estados nordestinos. As primeiras áreas de fato a serem colonizadas, estavam localizadas no interior, próximas aos rios, e foram ocupadas pelo colonizador por meio do processo de interiorização da criação de gado, no século XVII. Assim, diferente do que houve em outros estados, como Bahia e Pernambuco, o ingresso do Ceará na “aventura” colonial portuguesa se fez do interior para o litoral, vinculada ao estabelecimento de “fazendas de criar” e de fazendas de produção de algodão.<sup>23</sup>

Foi à conjugação do gado com o algodão que deu as condições estruturais para o surgimento das primeiras vilas da capitania, entre elas a Vila Relá Monte Mor, hoje cidade de Baturité, criada por Carta Régia de 1764, a partir de uma missão jesuítica que reuniu índios

---

<sup>23</sup> Sobre o papel da pecuária e da cotonicultura na configuração da colonização do Ceará ver JUCÁ, Gisafran Nazareno. “À guisa de introdução, o espaço nordestino: o papel da pecuária e do Algodão”. In: SOUZA, Simone. **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, pp. 15-22.

das etnias tapuias Jenipapos, Kanyndé, Potyguara e Choro, à qual pertencia a região hoje ocupada pelo município de Redenção.<sup>24</sup>

A Região possui alguns aspectos naturais, banhada pelos rios Pacoti e Choró, é dotada de um solo argiloso e úmido, com um clima mais brando e com índices pluviométricos bem maiores que do sertão, tornando-a apta ao estabelecimento do cultivo da cana-de-açúcar e a produção de rapadura, que ali chegaram ainda na primeira metade do século XIX. Sobre isso, assim escreveu Perboyre e Silva, citado por Raimundo Girão:

Foi o professor e jornalista Perboyre e Silva que a qualificou assim. A pequena Vila do Acarape, no centro da planície que o rio Pacoti verdeceu em cana-de-açúcar e pomares abundantes, oferecia-se como oásis florido, terno recanto de aprazimento aos olhos dos que a procuravam fugindo à agrestia do sertão combusto.<sup>25</sup>

O estabelecimento de alambiques para a produção de aguardente, contudo, ocorreu apenas no final do século XIX, com a chegada do investidor de origem italiana, Miguel Ângelo Russo, que estabeleceu o primeiro alambique da cidade em 1886.<sup>26</sup>

Ainda que modesta e destinada ao abastecimento da própria região do Maciço de Baturité e da capital, a produção de cana e de rapadura fortaleceu a região e lhe deu condições de emancipar-se, constituindo-se como Vila de Acarape em 1868. Sua freguesia foi criada nesse mesmo ano e se apoiou sob a Lei nº 1.242, de 20 de dezembro<sup>27</sup>, denominada freguesia de Nossa Senhora da Conceição teve como vigário o padre Antônio André Lino da Costa, que foi investido ao cargo, no dia 10 de dezembro de 1869, com posse oficial em 6 de fevereiro de 1870, sendo assim, uma das primeiras formas de “manifestação da religiosidade” da cidade.<sup>28</sup>

A origem do nome Acarape foi explicada pelo historiador Raimundo Girão:

(...) síntese de dois elementos mórficos: *acará* peixe e *pe* caminho ou canal (Martius); ou, segundo a interpretação de José de Alencar, “caminho das garças”, em língua tupi. Sendo o

<sup>24</sup> MATA, Maria Escolástica Castro da. **Memórias do Município de Acarape**: histórias, lendas e “causos”. Fortaleza-Ce. Ed. Premius. 2011.

<sup>25</sup> GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. Comemorativa do 1º Centenário da extinção da Escravatura, 1984, p. 159.

<sup>26</sup> SILVA, F. R. da. Redenção: Palco dos primeiros abolicionistas do Brasil, berço da educadora dos redencionistas. Ceará: Editora Uva, 2004, p.63.

<sup>27</sup> HISTÓRIA DE REDENÇÃO. Disponível em: < <http://www.unilab.edu.br/historia-de-redencao-liberdade/>> Acesso em: 15/10/2014.

<sup>28</sup> **Africania e Cearensidade: Catálogo do Museu Histórico e Memorial da Liberdade**. Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011, p. 19.

rio pobre de peixe - adverte Paulino Nogueira – é mais natural a última versão.<sup>29</sup>

Foi também a atividade econômica ligada à cana-de-açúcar que motivou o estabelecimento na região de mão-de-obra escravizada. Todavia, informações sobre a chegada e a abrangência do emprego de mão-de-obra escravizada na área do atual município de Redenção são ainda muito vagas, posto que não há, ainda, nenhum estudo substancial sobre o tema. Tomando como paradigma os estudos sobre o mundo do trabalho no Ceará, na Colônia e no Império e, de modo mais específico, sobre a região do Cariri, *locus* de uma produção canavieira de configuração semelhante à daqui, porém com um volume econômico bem mais expressivo, torna-se legítimo afirmar que o consórcio entre mão-de-obra pobre livre (formada em sua maioria por mestiços) e mão-de-obra escravizada foi tônica da atividade produtiva local na primeira metade do século XIX, como presença numericamente maior do primeiro grupo.<sup>30</sup>

Segundo o Censo Demográfico de 1872, havia, então, na Vila de Acarape 11.865 habitantes, dos quais apenas 140 eram escravos.<sup>31</sup> A partir desta informação é possível afirmar que, do ponto de vista do mercado de trabalho, a escravidão possui de fato um papel secundário em Redenção, na segunda metade do século XIX.

Esta condição secundária da mão-de-obra escravizada é, segundo o historiador Eurípedes Funes, um dos fatores que faz com que o Ceará seja o primeiro a abolir a escravidão no Brasil.<sup>32</sup> A isto se somam o tráfico interprovincial, que ficou mais intenso com a proibição do tráfico internacional, em 1850, e a forte crise econômica que a Província enfrentava, por força do declínio das exportações de algodão e da grave seca de 1877.

Por uma destas coincidências improváveis, no mesmo dia que a Assembleia Provincial elevou Acarape à condição de vila, por meio da Lei nº1255, outra lei a de nº 1254, foi também aprovada, sobre ela e sobre a coincidência da data assim escreveu Raimundo Girão:

<sup>29</sup> GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. Comemorativa do 1º Centenário da extinção da Escravatura, 1984, p. 159.

<sup>30</sup> Sobre este tema ver: PINHEIRO, Francisco José. “O homem livre-pobre e organização das relações de trabalho no Ceará (1855-1880)” In: **Revista de Ciências Sociais**, vol. 20 nº 1 e 2. Fortaleza: Departamento de Ciências Sociais da UFC, 1990, pp. 199-230 e OLIVEIRA, Antônio José de. **Engenhos de Rapadura do Cariri: trabalho e cotidiano (1790-1850)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da UFC, Fortaleza, 2003.

<sup>31</sup> Recenseamento Geral do Império de 1872, disponível em: <https://archive.org/stream/recenseamento1872ce/ProvinciaDoCeara#page/n77/mode/2up/search/Acarape>, acessado em 27/10/2014.

<sup>32</sup> FUNES, Eurípedes. “Negros no Ceará” In: SOUZA, Simone. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000, pp. 126.



(...) naquele foi promulgada uma lei autorizando o presidente da província do Ceará a despende, anualmente, a quantia de quinze mil réis com a libertação de escravos, de preferência do sexo feminino. Esse fato parece ter influenciado no ânimo dos habitantes da Vila que passaram a lutar contra o julgo escravista.<sup>33</sup>

O uso de dinheiro público como forma de indenização pela alforria foi um dos mais importantes fatores que levarão à abolição da escravidão no Ceará, antes do restante do Brasil. Além da lei de 1868, a Assembleia Provincial aprovou ainda as Resolução nº1334, em 1870 e a Lei nº2034, de 1883, que previam indenizações para quem desse liberdade aos seus cativos e uma tributação mais rigorosa para quem optasse pela manutenção dos escravizados.

A recompensa da indenização é o elemento mais importante para compreendermos o porquê Acarape se destaca, ainda em 1883, na libertação dos escravizados ali registrados. Para além do recurso ao dinheiro público, outra forma de promover a libertação dos escravizados sem prejuízo para os proprietários eram as doações particulares para fundos de emancipação criados por associações abolicionistas. Uma dessas ações foi a *Sociedade Redentora Acarapense*, fundada em 1882 e que teve papel fundamental na arrecadação do dinheiro que foi usado para compra de mais de cem alforrias.

Ainda no mês de dezembro a representação da Sociedade Redentora Acarapense formada por Gil Ferreira Gomes de Maria, José Raimundo Maravalho, Henrique Mendes Cavalcante, Antonio Guedes Souto Maior, Antonio Silva Matos, Ismael Benvindo de Vasconcelos, Horácio Holanda, José Barros Coelho, José Idelfonso e Jacó de Castro e Silva viajou para Fortaleza a fim de estabelecer contatos com os abolicionistas e solicitar apoio e colaboração para a alforria de escravos.<sup>34</sup>

Na capital, a comissão de Acarape foi recebida na sede do Jornal abolicionista “*O Libertador*” onde foi articulada uma campanha para arrecadação de fundos, assim registrada pelo próprio jornal:

Para auxiliar o generoso e nobilíssimo movimento dos ilustres concidadãos do Acarape, abrimos hoje neste diário uma

<sup>33</sup> **Africana e Cearensidade: Catálogo do Museu Histórico e Memorial da Liberdade.** Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011, p. 21.

<sup>34</sup> FERREIRA, Maria Luzirene Celestino, **Cruzando o Atlântico: ecos da abolição dos escravos no Ceará.** In: MUSEU MEMORIAL DA LIBERDADE. **A abolição dos escravos no Ceará.** Disponível em: <<http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/abolição-dos-escravos-no-ceara.html>>. Acesso em: 16/10/2014.



subscrição em favor da liberdade dos escravos que restam naquela florescente vila, destinado a ser o primeiro município livre da Província e do Império. Apelamos para a grandeza do povo cearense e muito confiamos que a sua generosidade se faça admirar neste cometimento que será a maior das glórias para o Ceará que, segundo reconhece toda a imprensa do Sul e do Norte, é a primeira província abolicionista do Brasil. Aceitamos com todo prazer e reconhecimento qualquer óbulo, que registraremos com a maior satisfação em homenagem ao nome cearense. A subscrição é de todos e só não contribuirá o desgraçado cuja sorte é ser insensível a todo sentido bom e humanitário em favor de uma idéia que, na frase do Cearense, não conta um só inimigo.<sup>35</sup>

Dessa forma, uma lista foi aberta e nela eram colocados os nomes dos doadores que contribuía para a causa da abolição e ainda a quantia que os mesmos doavam. Por exemplo:

A lista foi aberta pelo jornal com 200\$000, o Clube dos Libertos assina 100\$000, Geminiano Maia, futuro Barão de Camocim, 50\$000, José Barbosa, Domingos Bento de Abreu, Vitoriano A. Borges, Candido Maia e Sebastião Mestrinho 10\$000 cada um. E a lista cresceu. A população do Acarape contribuiu com 300\$000. As conferências de José do patrocínio renderam 260\$000.<sup>36</sup>

Concluída a arrecadação do dinheiro, cujo valor total a pesquisa não conseguiu descobrir, foi organizada uma grande e pomposa cerimônia na Vila de Acarape, para o dia 1º de janeiro de 1883, da qual tomaram parte, entre outros, líderes abolicionistas cearenses, como Gal. Tibúrcio Cavalcante e o Conselheiro Liberato Barroso, o líder abolicionista carioca José do Patrocínio, entre muitos outros, para a libertação de algumas dezenas de escravizados (não há informação precisa sobre o número), que tiveram suas alforrias compradas com o dinheiro arrecadado pelas doações.

Este evento foi celebrado e alardeado com muita pompa. A Câmara Municipal, em 23 de janeiro de 1883 enviou um telegrama a D. Pedro II, comunicando o fim da escravatura na Vila de Acarape.

---

<sup>35</sup> GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. Comemorativa do 1º Centenário da extinção da Escravatura, 1984. In: MUSEU MEMORIAL DA LIBERDADE. **A abolição dos escravos no Ceará**. Disponível em:<<http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/abolição-dos-escravos-no-ceara.html>>. Acesso em: 16/10/2014.

<sup>36</sup> MUSEU MEMORIAL DA LIBERDADE. **A abolição dos escravos no Ceará**. Disponível em:<<http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/abolição-dos-escravos-no-ceara.html>>. Acesso em: 16/10/2014.

Há muitas contestações sobre se realmente todos os cativos de Acarape foram libertados aquele dia. Sobre isso escreveu o historiador F. S. Nascimento:

“Na realidade, a exacerbada promoção abolicionista levava seus condutores a perderem o senso e o controle de suas próprias conquistas. Isso foi o que sucedeu com relação a Acarape, que passara para a história nacional como o primeiro núcleo populacional a libertar seus escravos, a 1º de janeiro de 1883. Eram poucos, sabia-se, talvez chegando a 300 homens e mulheres. E sobre essas possíveis três centenas de serviçais ou trabalhadores cativos, o insuspeitíssimo Libertador, de 1º de janeiro de 1884 fazia uma revelação que vinha por em dúvida a legitimidade de uma efeméride assinalada, em grande parte, pelos seus próprios redatores. Dizia o órgão abolicionista que, dos 31.516 ainda existentes no Ceará, em janeiro de 1884, 115 permaneciam escravos na vila de Acarape, atual Redenção.”<sup>37</sup>

A despeito de evidências como esta citada por Nascimento, em torno do feito acarapense construiu-se uma memória celebrativa, que foi o mote para escolha do novo nome de Acarape, em 1889, quando, por força da Lei nº2167, passou a ser chamada de Vila Redenção, sendo, dez anos depois, elevada à categoria de cidade.

Esta memória festiva foi alimentada por uma longa e larga produção de textos, escritos, sobretudo, por membros do Instituto Histórico do Ceará e, em nível mais local, por uma profusão de equipamentos públicos, como o obelisco na Praça da Liberdade, o busto da Princesa Isabel, na Praça da Princesa Isabel, ou popularmente Praça da Matriz, a estátua do negro liberto na praça já citada anteriormente, o painel da Negra nua, erguido na principal entrada da cidade e o Memorial da Liberdade. É sobre este último o próximo tópico deste trabalho.

## 2- O Museu Histórico e Memorial da Liberdade.

### 2.1. A ideia e coleta do acervo

Como vimos no capítulo anterior, Marcos José Pinheiro estabelece como uma das motivações para criação dos museus modernos o propósito de difundir um modelo de educação e de cultura, tidos como “cultos”, “elevados”, portanto, ideais.<sup>38</sup> Ao longo da

<sup>37</sup> NASCIMENTO, F.S. “Síntese histórica da escravidão negra” In: SIMONE, Souza (org.) **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p.181

<sup>38</sup> PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto Da Modernidade. Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004, p. 48.

pesquisa essa se revelou a motivação central para a criação do Museu Histórico Memorial da Liberdade.

Assim, em se tratando de um museu histórico, importa perguntar: a história de quem se pretendia contar?

Idealizado na época da gestão, do Prefeito em exercício, Ernando Jacó, na segunda metade da década de 1980, o museu foi elaborado com o objetivo de resgatar e preservar, objetos e documentos que descrevessem a memória e a vida da cidade, entendida como a narrativa da vida de seus filhos ilustres de seus feitos mais importantes. Em outras palavras, a ideia de se criar um museu em Redenção surge, como em muitos outros lugares do mundo, da necessidade da elite (econômica e cultural) da cidade de celebrar seus feitos, valores e crenças.<sup>39</sup>

Como bem sabemos, o museu é uma casa onde se preserva a memória de uma cidade, de um país, de uma pessoa, enfim, de algum lugar, de alguma prática, ou mesmo de alguém. É um lugar para nos ensinar a importância de lembrar, de preservar o passado, mas sem esquecer do presente. Quem cria um museu cria um poderoso instrumento de ligação entre o passado e o presente, que nos permite pensar sobre a trajetória que percorremos para chegar até aqui, até o hoje.<sup>40</sup>

Aqui uma primeira pergunta se impõe: que passado importa lembrar?

Como dito no primeiro tópico deste capítulo, a condição de lugar que primeiro aboliu a escravidão no Brasil tornou-se a narrativa de memória coletiva mais importante de Redenção. Podemos mesmo dizer que é mito fundador da cidade, origem do seu nome e da imagem que ela busca projetar para além de suas fronteiras. Assim, como o seu próprio nome já evidencia, o Museu Histórico Memorial da Liberdade – nome que surgiu de um concurso com os alunos das escolas da cidade, sendo vencedora a Escola Padre Saraiva Leão –, fez da narrativa elogiosa e pouco crítica da libertação dos escravizados em Redenção, no ano de 1883, o seu mote central.

Escolhido um tema central, vem o segundo passo na constituição de um museu, montar seu acervo. O acervo é a parte mais importante de um museu, em verdade, ele é o próprio museu, posto que, é ele que expressa a mensagem, ou a ideia que se quer comunicar, aquilo que se quer ensinar. Nesse sentido, montar um museu histórico é, fundamentalmente, escrever uma narrativa, contar uma história, só que ao invés de palavras sobre o papel, usa-se objetos

<sup>39</sup> Sobre o caráter elitista dos museus históricos ver: BURKE, Peter. “A museificação do museu.” In: *Caderno Mais! Folha de São Paulo*. São Paulo, 02 de julho de 1997, p. 32.

<sup>40</sup> ALMEIDA, Adriana Mortana & VASCONCELOS, Camilo de Melo. “Por que visitar museus?” In: BITERCOURT, Circe (org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

num espaço determinado.<sup>41</sup> Diante disso, duas outras perguntas se impõem: Quais objetos compõe o Museu Memorial da Liberdade? De onde, ou de quem eles vieram?

A montagem do acervo se fez por meio da colaboração de pessoas que se dispuseram a doar, ou vender, objetos particulares para a Secretaria de Educação e Cultura da cidade. Por meio de propaganda nos meios de comunicação, a secretaria divulgou seu interesse e conclamou a população a colaborar. Com o surgimento dos primeiros doadores, ou vendedores (não foi possível saber o que foi doado ou vendido, pois nem o Museu, nem a prefeitura possuem documentação com registro desta informação), foi formada uma comissão para fazer a guarda destes objetos até a criação do museu.

Esta mesma comissão também foi encarregada de buscar objetos que fossem ligados à libertação dos cativos, posto que esse deveria ser o tema principal do futuro museu. Os membros desta comissão visitaram diversas fazendas e sítios, cartórios, arquivos e residências da região em busca dos objetos, mas infelizmente, observou-se que pouca coisa havia restado.

Concluída a coleta, o acervo, constituído de uma coleção bastante diversificada de objetos foi, então, catalogada e classificada em 15 (quinze) diferentes categorias, como descritas no quadro a seguir.

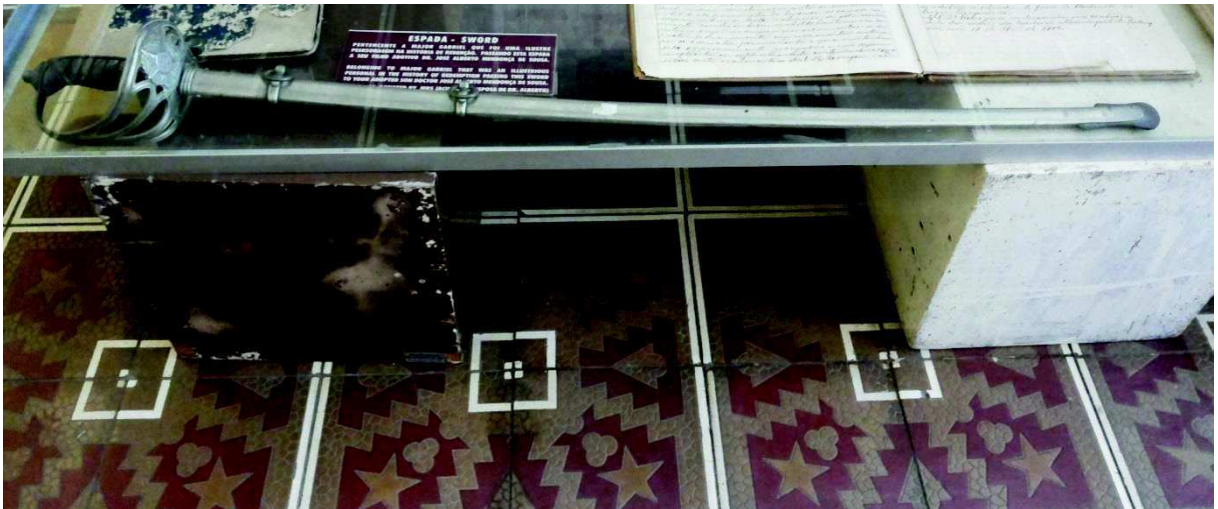
<b>Categoria</b>	<b>Número de Peças</b>
Artes visuais	1
Amostras e Fragmentos	2
Caça e Guerra	1
Castigo e Penitência	7
Comunicação	35
Construção	4
Embalagens e Recipientes	1
Insígnias	2
Interiores	29
Lazer e Desporto	0
Medição/Registro/Observação/Processamento	5

<sup>41</sup> RAMOS, Francisco Régis Lospes. *A danação do objeto*. O museu no Ensino de história. Chapecó: Argos, 2004, p. 22.

Objetos Cerimoniais	9
Objetos Pecuniários	2
Objetos Pessoais	28
Trabalho	27
<b>Total</b>	<b>153</b>

Fonte: CEARÁ, Governo do Estado. *Africanidade e Cearensidade*: catálogo do Museu Histórico Memorial da Liberdade. Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011

Analisando as categorias em que o acervo foi classificado, algumas características se destacam, a primeira delas é que os objetos são classificados pelo uso específico e comum que tiveram antes de ir para o museu. Assim, o acervo de Caça e Guerra é composto por uma espada de uso militar da Segunda Metade do século XX, doada por Dona Jacintinha, viúva do Dr. José Alberto Mendonça de Souza. Já o acervo de Castigo e Penitência é composto por algemas e gargantilhas do século XIX.



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Espada da 2ª metade do século XX.





Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Algema da 2ª metade do século XIX, utilizado durante a escravidão.

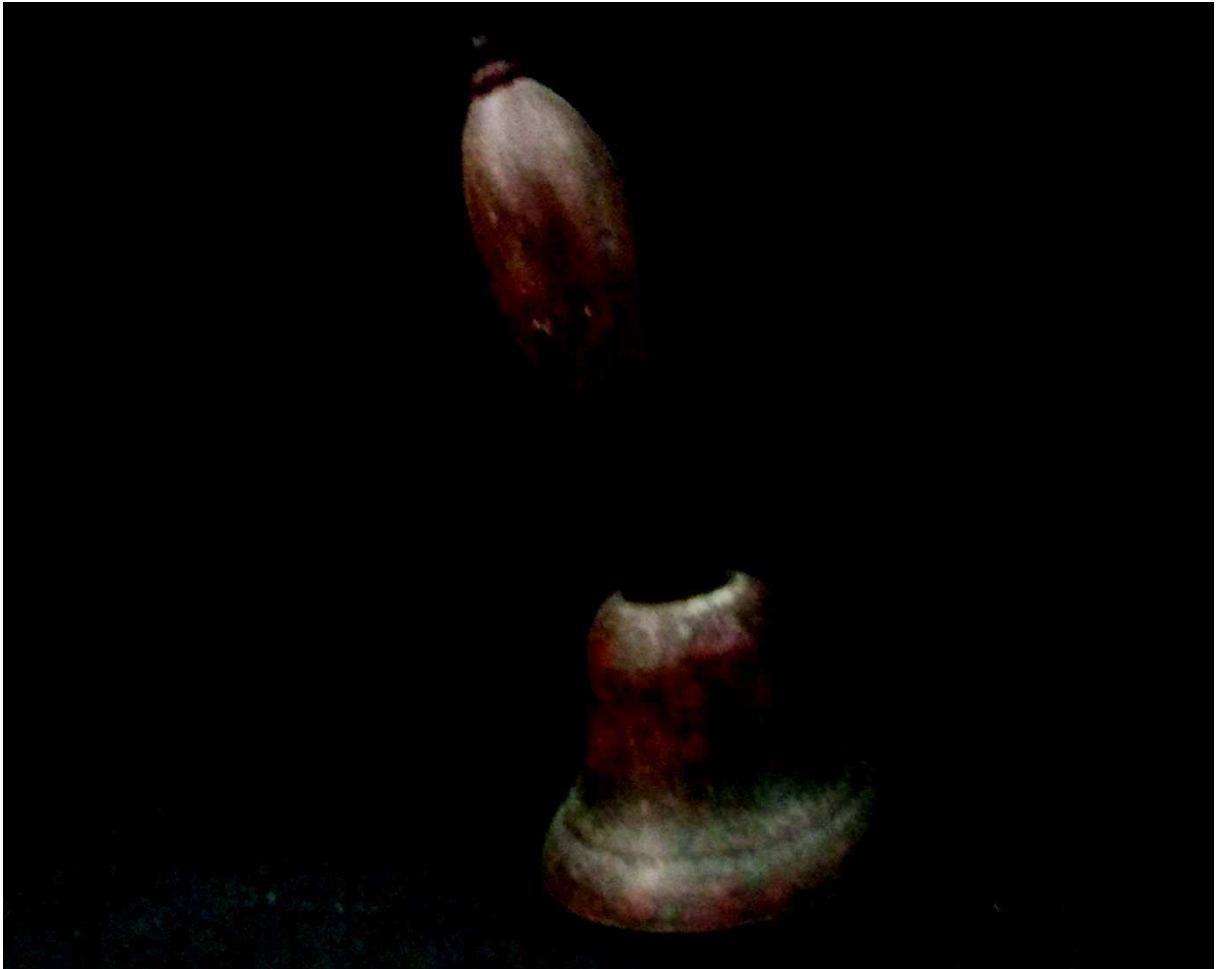


Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Gargantilha dupla da 2ª metade do século XIX.

Outras categorias, contudo possuem critério de classificação mais aberto e fluído, como é o caso da categoria Comunicação. Nela encontramos rádios do século, sinetas, um apito a vapor, canetas e documentos de identidade.



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Rádio Portátil popular nos anos 60.

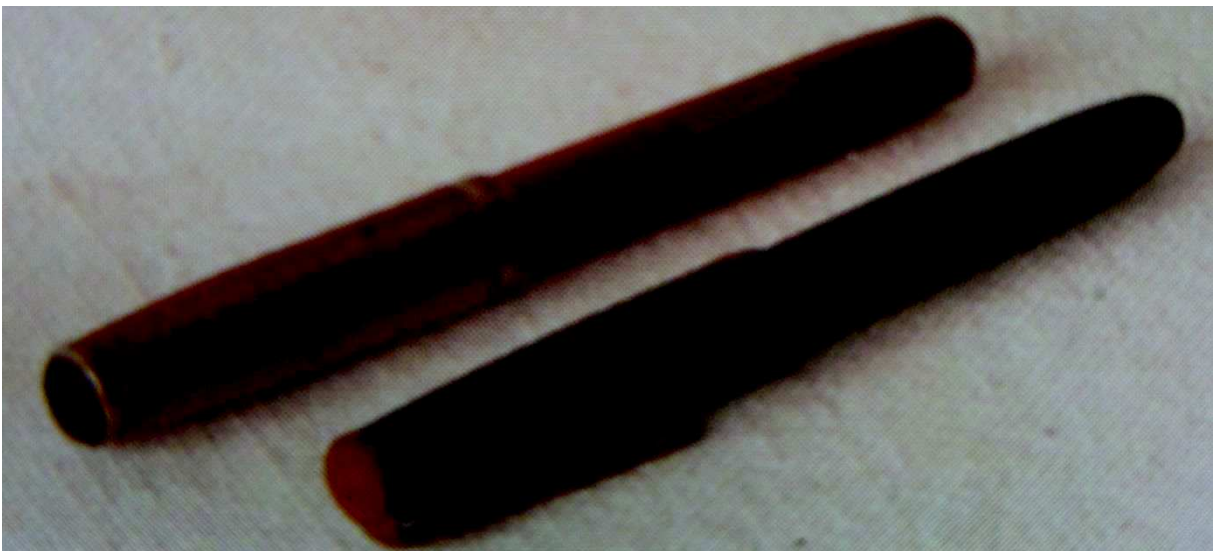


Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia leite oliveira; Sineta da 1ª metade do século XX, utilizada nas cerimônias religiosas da Igreja Matriz.





Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Apito a Vapor do Engenho São Raimundo, do Sítio Salgado em 1910.



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Conjunto de canetas pertencente à Maria Tereza Canafistula.



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Documento de identidade de 1942.

Há ainda o que se pode chamar de categoria “ausente”. Registrada no catálogo do museu, categoria de Lazer e Desporto, não possui nenhum objeto, o que nos permite supor que as categorias foram formuladas não a partir do acervo, mas, provavelmente, anteriormente a ele, sendo tomada como um modelo fechado e inflexível onde o acervo conseguido teve que ser forçadamente encaixado, pois a classificação é mais importante que aquilo a ser classificado. Assim, o acervo do museu parece importar menos que a ordem que o classifica.

O mais inusitado na classificação do acervo do museu é, contudo, a ausência de uma categoria sobre abolição da escravidão, posto que celebrar a primazia redencionista na libertação dos escravizados no Brasil é a motivação central do museu. Há no museu uma coleção considerável de objetos utilizados para castigar e prender os cativos há mesmo um galho que, acredita-se ter pertencido a uma árvore sobre a qual se fazia a venda destes mesmos cativos, mas não há um objeto sequer que se vincule à libertação deles. Questionados sobre isso, os que hoje trabalham no museu, não souberam responder com exatidão, tendo se restringido apenas a considerar que talvez nenhum documento sobre a libertação tenha sido encontrado.

Se falta ao acervo objetos que remetam o seu visitante ao tema da libertação dos escravizados, há uma profusão de objetos que remetem ao cristianismo católico, distribuído nas mais diversas categorias. Na categoria Artes Visuais o único objeto é uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, na categoria comunicação há duas fotografias de imagens de

santas, três missais, dois livros de oração, na categoria Objetos Pessoais, há estolas sacerdotais, cinco manípulos e cinco casulas de batinas, entre outras peças. Ao todo, divididas em diferentes categorias, há 63 (sessenta e três objetos) vinculados à fé e à liturgia católicas, ou seja, quase metade do acervo do museu é ligado ao catolicismo, contudo, ele não figura como temática central, nem mesmo designa uma categoria específica de classificação dos objetos.

A outra categoria que mais possui objetos, 29 (vinte e nove) é Interiores, onde figuram, em sua maioria, peças de decoração de residências de famílias ricas, como castiçais de prata e de bronze e louças de porcelana.

O acervo do Museu Histórico Memorial da Liberdade é composto majoritariamente por objetos que remetem à trajetória e à presença da Igreja Católica e de uma classe social mais rica que juntos configuram o que podemos chamar de elite econômica e social de Redenção. Os escravizados, cuja libertação deveria ser mote principal do museu são referidos apenas por objetos de tortura e trabalho, sem nada que evidencie como se deu a libertação e qual foi o papel deles nesse processo.

## **2.2. Um museu em busca de uma casa.**

Uma vez montado o acervo básico do museu, tarefa que durou quase 10 (dez) anos, surgiu uma nova tarefa: a da escolha de um local para abrigá-lo.

O Museu Histórico e Memorial da Liberdade foi inaugurado no dia 28 de dezembro de 1997 em uma solenidade pública, concebido naquele período com a finalidade de contar a história da escravidão “negra” e a luta pela emancipação. No início funcionava no antigo Centro Administrativo Municipal Dr. José Alberto Mendonça e Souza, chamado assim em homenagem a um ex-prefeito da cidade, hoje sede do Campus da Liberdade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.





Fonte: Unilab: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul/Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. p. 48.

Esse prédio tem grande valor histórico para Redenção, pois além de comportar uma Universidade de parâmetro Federal, Internacional e Lusófono, nele já funcionou o Instituto de Beneficência Patronato Pio XI, mantido pela Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria, ofereciam para a população, educação infantil até o período da 4ª série do antigo primário e curso profissionalizantes “como corte e costura, pintura, bordado, datilografia e culinária”, além disso, possuía um salão social onde os eventos abertos à comunidade eram realizados. A instituição foi criada com o intuito de auxiliar na educação de Crianças com menores condições financeiras. O estabelecimento foi fundado no dia 12 de maio de 1950 com “inauguração oficial” em 12 de julho de 1953, se fazia presente na cerimônia o arcebispo de Fortaleza Dom Antônio de Almeida Lustosa e outras autoridades da região. Após ser constatada sua “inviabilidade”, pelas irmãs, no início de 1980 o projeto do Instituto do Patronato Pio XI mantido pela Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria encerrou suas atividades em 20 de dezembro de 1986.

Em 1998, o Museu Memorial da Liberdade foi transferido para o prédio da Prefeitura Municipal (antigo Paço Municipal), localizado na esquina da Rua Marechal Deodoro, com acesso a CE – 060, que liga o Maciço de Baturité a Fortaleza. Esse prédio ainda abrigou a sede da Câmara de Vereadores e antes disso já havia funcionado ali a Delegacia de Polícia do município.



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Museu Memorial da Liberdade.

Muito embora tenha sido inaugurado em 1997, o museu foi legalmente instituído apenas em 11 de agosto de 2006, através da lei nº 1.181, aprovada pela Câmara de Vereadores, durante a gestão da Prefeita Francisca Torres Bezerra (Cimar) essa mesma lei que instituiu sua criação lhe acrescentou o valor de “Histórico”.

O Museu funcionou neste local até 2006, quando por necessidade de uma área mais ampla e um local para estacionamento, mudou-se para o antigo prédio do Circulo de Operários e trabalhadores Católicos São José, em frente à Praça da Matriz.



Fonte: <[http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/2011/04/macico-de-baturite-patrimonio-e-heranca\\_29.html](http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/2011/04/macico-de-baturite-patrimonio-e-heranca_29.html)>; Antigo Prédio do Museu Histórico e Memorial da Liberdade.

O Círculo de Operários de São José, como é conhecido na cidade, era uma associação de trabalhadores criada em Fortaleza no ano de 1915, sob a orientação do Padre Guilherme Waessen e trazida para Redenção pelo Padre João Saraiva Leão, vigário entre 1924 a 1932, no ano de 1926. Visava diminuir as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores. Pouco tempo depois de sua fundação na capital do Ceará, essa associação, ganhou filiais, em cidades como Sobral, Aracati, Redenção, Baturité, Pacatuba, Cajazeira (PB) e Cedro. Em Redenção, atuava como um núcleo de ajuda aos trabalhadores buscando a garantia de direitos como assistência médica, remédios e funerais para os mais carentes.

Outro motivo para essa mudança de local ocorreu, devido ao Projeto Rede de Museus do Maciço de Baturité, realizado pela Associação dos Municípios do Maciço de Baturité (AMAB). Esse projeto possibilitou melhores acomodações para o museu e a instalação de uma ilha digital, realizando, ainda, o inventário de todo o acervo e o registro digitalizado das peças que se encontram no museu.

No ano de 2012, devido o prédio ser alugado para prefeitura e o proprietário do imóvel o solicitar de volta, o museu foi separado da ilha digital e voltou a funcionar no antigo prédio da Câmara de Vereadores, ocorrendo uma diminuição no seu espaço de funcionamento.

Existem atas da sua criação que segundo o atual secretário de Cultura se encontram com o secretário em exercício na época. Já houve um pedido de devolução dessas atas, mas o secretário encontra-se escrevendo um livro autobiográfico, afirmando que devolveria após a conclusão, por isso não foi possível ter acesso às mesmas.

## CONCLUSÃO

Ao concluir a pesquisa tenho hoje mais perguntas do que respostas, o que, segundo meu orientador, o prof. Américo Souza, é uma consequência comum do amadurecimento do pesquisador que começa a aprender que problematizar é o verdadeiro ofício do historiador. A única conclusão a que cheguei com alguma segurança é que o Museu Histórico Memorial da Liberdade, infelizmente, ainda está distante de cumprir fielmente aquilo para que foi criado.

Esse distanciamento entre proposta e realidade se manifesta de duas formas distintas e complementares. A primeira delas diz respeito ao tema. Como está firmado em seu nome e nas falas de seus idealizadores, o pioneirismo de Redenção na libertação dos escravizados é o foco central do museu, ela, contudo, é quase que plenamente ausente.

Escrevendo sobre as variadas funções que possui o museu, Upiano Bezerra de Menezes afirma que “(...) essa multiplicidade de usos e serventias tem um denominador comum: o museu é sempre um espaço que esclarece uma intermediação institucionalizada entre o indivíduo e os objetos materiais.”<sup>42</sup>

Com base nesta reflexão, podemos afirmar que os objetos materiais, sua preservação, seu estudo e sua exposição, são razões da existência do museu. Os objetos, ou peças que compõem o acervo estão para a linguagem museológica, como as palavras estão para a linguagem escrita, ou seja, assim como usamos palavras para construir textos que transmitem ideias, no museu histórico utilizamos os objetos para produzir um discurso sobre o tempo e o espaço sobre o qual se quer abordar na exposição. Neste sentido, montar uma exposição com este e não aquele objeto, destacar na montagem uma e não outra peça do acervo são ações praticadas de acordo com a compreensão histórica a ser transmitida. Observar e problematizar estas opções permite compreender como a história e memória, são pensadas naquela instituição.

Ao montar sua exposição com claro destaque para instrumentos de aprisionamento e controle dos cativos, o Museu Histórico Memorial da Liberdade reproduz e cristaliza uma visão de senso comum do escravizado como passivo, como incapaz de lutar e construir os caminhos da sua liberdade, como um não sujeito, enfim. Por outro lado à completa ausência de objetos que diretamente ligados à libertação, dá indícios de uma provável dificuldade em

---

<sup>42</sup> MENSES, Upiano Beserra. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992, p. 04.



conseguir peças que reforcem e referenciem o festejado discurso de uma abolição construída por brancos instruídos e dada de presente para negros ignorantes e incapazes.

A segunda manifestação da distância entre a proposta e a realidade no Museu Histórico Memorial da Liberdade diz respeito ao uso dos espaços. No museu histórico, os espaços devem ser tratados em dois níveis diferentes. O primeiro diz respeito ao próprio prédio onde o museu está instalado. O segundo se refere aos espaços destinados à exibição de cada peça dentro da exposição.

Para fazer a integração do prédio dentro da reflexão a que o museu se propõe, o primeiro passo é procurar saber sobre a origem do prédio, as ocupações que teve antes de abrigar o museu, ou se já foi construído com esta finalidade, o estilo arquitetônico da construção, etc. Estas informações são valiosas para melhor potencializar a função do museu histórico como espaço de reflexão e de ensino de história. Nesta perspectiva, o prédio deve ser também tratado como objeto museológico.

Quando visitamos o Museu Histórico Memorial da Liberdade, o que percebemos é que o prédio figura apenas espaço físico que abriga a exposição, pois na proposta museológica ali implementada, ele não é contemplado.

Com respeito aos espaços da exposição e à disposição das peças, o que percebemos é que o espaço muito restrito das três salas que compõem o prédio traz muita dificuldade, somado à ausência de um museólogo, que pense crítica e metodologicamente o acervo, fragiliza a construção da exposição, tornando-a frágil e de difícil compreensão pelo visitante que não tenha um conhecimento prévio da história de Redenção.





Fonte: Foto do arquivo pessoal de Vânia Leite Oliveira; Uma das salas do Museu Memorial da Liberdade.

Estas limitações aqui expostas não devem, contudo, ser tomadas como desqualificação do Museu Histórico Memorial da Liberdade. Compreendo que ele possui importância social e educacional para a sociedade redencionista, posto que, sua própria existência pode ser atribuída ao fato de haver uma demanda social, um desejo da sociedade de ter um espaço consagrado a refletir sobre sua história. Por outro lado, para que possa cumprir o seu papel de contribuir para a construção da cidadania, especialmente entre crianças e jovens, é necessário o entendimento de que os objetos que compõem o seu acervo são resultado da ação humana que, cotidianamente, produz e reproduz a cultura. Nesse sentido, é preciso que, se encare os artefatos não apenas como uma peça representativa do passado, mas como produto e vetor de relações sociais, demonstrando o caráter de sujeito histórico da sociedade redencionista.

## BIBLIOGRAFIA

- Africania e Cearensidade: Catálogo do Museu Histórico e Memorial da Liberdade.** Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011.
- ALMEIDA, Adriana Mortana & VASCONCELOS, Camilo de Melo. “Por que visitar museus?” In: BITERCOURT, Circe (org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BURKE, Peter. “A museificação do museu.” In: *Caderno Mais! Folha de São Paulo*. São Paulo, 02 de julho de 1997, p. 32.
- FUNES, Eurípedes. “Negros no Ceará” In: SOUZA, Simone. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000, pp. 126.
- FERREIRA, Maria Luzirene Celestino, **Cruzando o Atlântico: ecos da abolição dos escravos no Ceará**. In: MUSEU MEMORIAL DA LIBERDADE. **A abolição dos escravos no Ceará**. Disponível em: <<http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/abolição-dos-escravos-no-ceara.html>>. Acesso em: 16/10/2014.
- GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. Comemorativa do 1º Centenário da extinção da Escravatura, 1984.
- GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. Comemorativa do 1º Centenário da extinção da Escravatura, 1984. In: MUSEU MEMORIAL DA LIBERDADE. **A abolição dos escravos no Ceará**. Disponível em: <<http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/abolição-dos-escravos-no-ceara.html>>. Acesso em: 16/10/2014.
- HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. Ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005.
- HITOSHI, Nomura. Um grande naturalista cearense: Francisco Dias da Rocha. *Revista do Instituto do Ceará*, 1965. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)**. 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005.
- HISTÓRIA DE REDENÇÃO. Disponível em: < <http://www.unilab.edu.br/historia-de-redencao-liberdade/>> Acesso em: 15/10/2014.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno. “À guisa de introdução, o espaço nordestino: o papel da pecuária e do Algodão”. In: SOUZA, Simone. **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.
- MATA, Maria Escolástica Castro da. **Memórias do Município de Acarape: histórias, lendas e “causos”**. Fortaleza-Ce. Ed. Premius. 2011MENSES, Upiano Beserra. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992.

MUSEU MEMORIAL DA LIBERDADE. **A abolição dos escravos no Ceará.** Disponível em: <<http://museumemorialdaliberdade.blogspot.com.br/abolição-dos-escravos-no-ceara.html>>.

Acesso em: 16/10/2014.

MENSES, Upiano Beserra. *Como explorar um museu histórico.* São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992.

NASCIMENTO, F.S. “Síntese histórica da escravidão negra” In: SIMONE, Souza (org.) **História do Ceará.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento: Um Projeto Da Modernidade.** Rio de Janeiro: Coleção Engenho e Arte, 2004.

PINHEIRO, Francisco José. “O homem livre-pobre e organização das relações de trabalho no Ceará (1855-1880)” In: **Revista de Ciências Sociais, vol. 20 nº 1 e 2.** Fortaleza: Departamento de Ciências Sociais da UFC, 1990, pp. 199-230 e OLIVEIRA, Antônio José de. **Engenhos de Rapadura do Cariri: trabalho e cotidiano (1790-1850).** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da UFC, Fortaleza, 2003.

Recenseamento Geral do Império de 1872, disponível em:

<https://archive.org/stream/recenseamento1872ce/ProvinciaDoCeara#page/n77/mode/2up/search/Acara%20pe>, acessado em 27/10/2014.

RAMOS, Francisco Régis Lospes. *A danação do objeto. O museu no Ensino de história.* Chapecó: Argos, 2004.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930),** 1995. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942).** 28. ed. Fortaleza: Coleção Outras Histórias, 2005.

SILVA, F. R. da. *Redenção: Palco dos primeiros abolicionistas do Brasil, berço da educadora dos redencionistas.* Ceará: Editora Uva, 2004.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história.** 3º. Ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1995.



